

REQUERIMENTO

(Do Sr. Carlos Eduardo Cadoca)

Requer o envio de Indicação ao Poder Executivo no sentido de tornar obrigatório o fornecimento de equipamentos de proteção individual, a sua especificação técnica e o treinamento dos profissionais de imprensa designados para a cobertura , *in loco*, de eventos previsivelmente perigosos

Senhor Presidente:

Nos termos do art. 113, inciso I e § 1º, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, requiro a V. Ex^a. seja encaminhada ao Poder Executivo a Indicação anexa, sugerindo a regulamentação, pelo Ministério do Trabalho e Emprego, da obrigatoriedade de fornecimento de equipamento de proteção individual, da sua especificação técnica e acerca do treinamento dos profissionais de imprensa designados para a cobertura , *in loco*, de eventos previsivelmente perigosos.

Sala das Sessões, em de de 2014.

Deputado Carlos Eduardo Cadoca

INDICAÇÃO Nº , DE 2014
(Do Sr. Carlos Eduardo Cadoca e outros)

Sugere ao Ministro do Trabalho e Emprego que estabeleça grupo tripartite a fim de estabelecer as medidas que devem ser adotadas pelas empresas jornalísticas no tocante à segurança dos jornalistas e demais empregados do setor.

Excelentíssimo Senhor Ministro do Trabalho e Emprego:

A violência sofrida pelo repórter cinematográfico Santiago Andrade, da Rede Bandeirantes, que acabou resultando na morte do profissional expôs os riscos a que estão sujeitos jornalistas e demais trabalhadores designados para a cobertura jornalística *in loco* de eventos perigosos. Como é o caso das manifestações de rua que temos observado pelo Brasil desde meados de 2013.

É triste observarmos que, ao contrário de jornalistas de veículos de imprensa estrangeiros, poucos brasileiros vão trabalhar nesses eventos com o preparo adequado. Seja no que diz respeito a equipamentos de proteção individual, seja quanto ao treinamento.

Chamou-nos atenção matéria publicada na *internet* pelo Diário do Centro do Mundo (DCM), no último dia 15 de fevereiro, intitulada “*E se o cinegrafista estivesse de capacete?*”. Ilustrando a reportagem com uma fotografia que mostra que os jornalistas da BBC Wyre Davies e Keith Tayman, que ajudaram a socorrer Santiago Andrade, estavam usando capacetes, o DCM expõe a situação:

“Repare na foto acima.

Dois jornalistas da BBC socorrem o cinegrafista Santiago Andrade, da Band, depois que um rojão atingiu sua cabeça.

Você a vê e conclui, melancolicamente, que Santiago poderia estar vivo, hoje. Bastaria que a Band lhe desse a mesma coisa que a BBC dá para seus jornalistas em áreas conflagradas: capacete. (...)

Não usar capacete, em protestos como os de hoje, equivale a andar de carro sem cinto de segurança. Pode não acontecer nada. Mas pode também terminar em lágrimas que poderiam ser evitadas.

A coisa mais sensata que a família de Santiago faz, agora, é processar a Band por não ter fornecido o material de proteção adequado.

E os jornalistas envolvidos na cobertura de protestos deveriam, com base na tragédia de Santiago, exigir de suas empresas roupas adequadas.

Se as companhias jornalísticas brasileiras fizessem o be-a-bá — acompanhar as melhores práticas do jornalismo que se faz no exterior — Santiago estaria vivo.

Um dos repórteres da BBC que aparecem na foto socorrendo-o conta que em sua empresa os jornalistas são treinados para situações de emergência em ambientes perigosos e recebem material que os protege, como o capacete.

No treinamento, eles aprendem coisas como primeiros socorros. Graças ao treinamento, um dos correspondentes da BBC tirou a camisa para estancar o sangue que jorrava da cabeça de Santiago.

Todo o empenho, infelizmente, não foi bastante para salvá-lo.

Mas outros Santiagos poderão ficar intactos, ou quase — desde que as empresas de mídia nacional sigam as lições da BBC e de outras grandes corporações jornalísticas internacionais..”

Santiago, como se sabe, era até uma exceção. Fez o tal treinamento, mas não adianta uma coisa sem a outra. É necessário o treinamento e os equipamentos de segurança.

Wyre Davies relatou, em 16 de fevereiro, no jornal GGN, a situação que viveu, demonstrando claramente como os profissionais brasileiros

são expostos a riscos:

“Faz exatamente uma semana desde que o cinegrafista da Rede Bandeirantes caiu com a explosão de um artefato, um tipo de sinalizador ou peça de fogos de artifício, atrás de sua cabeça enquanto ele cobria um dos protestos contra o governo no Rio de Janeiro.

Menos de quatro segundos depois, meu colega da BBC, Keith "Chuck" Tayman, e eu estávamos a seu lado.

Antes de chegar ao Brasil há cerca de cinco meses, eu passei os últimos três anos baseado no Oriente Médio cobrindo, entre outros eventos, as quase sempre traumáticas revoltas árabes. No Egito, em Gaza e na Líbia, eu presenciei cenas chocantes, emocionalmente aflitivas e vi, com muita frequência, as terríveis consequências dos conflitos.

Então, quando ajoelhei ao lado do corpo de Santiago, não fiquei congelado ou em dúvida sobre o que deveria fazer, mesmo vendo seus ferimentos terríveis. A explosão deixou uma enorme ferida em sua cabeça, através da qual o sangue já começava a escorrer.

Todos os funcionários da BBC que trabalham em áreas de conflito passam por um treinamento chamado "hostile environment" (ambiente hostil) – cuja parte mais valiosa é, sem dúvida, a preparação para prestar primeiros socorros. Tendo trabalhado anteriormente como guia de expedições em montanhas, eu também já havia usado esse conhecimento em outras ocasiões.

Na falta de um kit de primeiros socorros ou de bandagens apropriadas, Chuck instintivamente retirou sua camiseta e a pressionou contra a ferida na cabeça de Santiago para estancar a hemorragia. Apesar de inconsciente, Santiago respirava pesadamente. Em meio ao caos, fizemos o melhor que podíamos para estabilizá-lo.

Eu já vi muitas vítimas de violência deixadas deitadas no chão enquanto policiais e transeuntes ficam imóveis, por relutância ou incapacidade de ajudar, durante aqueles que podem ser os momentos mais críticos para a sua sobrevivência.

Na hora em que a ajuda médica profissional chega, frequentemente, é muito tarde; a vítima pode ter morrido pela perda de sangue, insuficiência cardíaca ou simplesmente porque ninguém verificou se ela continuava respirando.

Os ferimentos de Santiago eram tão graves que nós sabíamos que deveríamos levá-lo ao hospital imediatamente. Mas alguns policiais – talvez não percebendo a gravidade da situação –

acabaram dificultando nossa passagem enquanto muitos manifestantes protestavam e gritavam culpando a polícia pelo ataque. Foi demonstrado, de forma quase inegável, que o artefato foi disparado por uma dupla de manifestantes que acabou sendo identificada.

Enquanto tratávamos de Santiago no chão, também tivemos que "controlar" a situação. Após alertar diversas vezes os policiais sobre a urgência do momento, carregamos cuidadosamente seu corpo, de 82 quilos, para a parte de trás de um carro de polícia e corremos para o hospital mais próximo.

O tempo pareceu uma eternidade, mas, desde o momento em que vi Santiago soltar sua câmera e cair no chão até a corrida contra o fluxo do tráfego pela principal avenida do Rio para o hospital, passaram-se apenas seis minutos."

Lamentavelmente, empregados da imprensa, tais como jornalistas, câmeras, seus auxiliares, fotógrafos, motoristas, produtores, etc. são ignorados quando se trata de discutir segurança do trabalho. Isso fica claro quando observamos que nenhuma das trinta e cinco normas regulamentadoras vigentes faz qualquer referência à profissão.

Esse é o sentido da Indicação que ora encaminhamos a Vossa Excelência. Nossa sugestão é que, por meio das reuniões tripartites realizadas por esse Ministério, sejam elaboradas normas regulamentadoras visando estabelecer as medidas que devem ser adotadas pelas empresas jornalísticas, a fim de proteger seus empregados durante a cobertura de eventos e, em última análise, a liberdade de expressão no Brasil.

Sala das Sessões, em de de 2014.

Deputado Carlos Eduardo Cadoca